



**MOÇAMBIQUE NO FEMININO: AS DIMENSÕES POÉTICAS DO
CORPO NA POESIA DE SÓNIA SULTUANE**

*MOZAMBIQUE IN THE FEMININE: THE POETIC DIMENSIONS OF THE
BODY IN THE POETRY OF SÓNIA SULTUANE*

*MOZAMBIQUE EN FEMENINO: LAS DIMENSIONES POÉTICAS DEL CU-
ERPO EN LA POESÍA DE SÓNIA DE SULTUANE*

Sávio Roberto Fonsêca de Freitas¹

RESUMO:

O objetivo deste estudo é desenvolver uma análise da poesia da escritora moçambicana Sónia Sultuane, mostrando como a metaforização do corpo feminino assume dimensões poéticas que problematizam as relações de raça, classe e gênero no sentido de atualizar discussões críticas sobre os posicionamentos político, literários e culturais da escrita de autoria feminina contemporânea em Moçambique.

PALAVRAS-CHAVE: literatura moçambicana; corpo feminino; Sónia Sultuane.

ABSTRACT:

The objective of this study is to develop an analysis of the poetry of the Mozambican writer Sónia Sultuane, showing how the metaphorization of the female body assumes poetic dimensions that problematize race, class and gender relations in order to update critical discussions about political, literary and cultural positionings of contemporary female authorship in Mozambique.

KEYWORDS: mozambican literature; female body; Sónia Sultuane.

¹ Professor de Literaturas de Língua Portuguesa na UFRPE-Campus Garanhuns.



RESUMEN:

El objetivo de este estudio es desarrollar un análisis de la poesía de la escritora mozambiqueña Sónia Sultuane, mostrando cómo la metaforización del cuerpo femenino asume dimensiones poéticas que problematizan las relaciones de raza, clase y género en el sentido de actualizar discusiones críticas sobre los posicionamientos político, literario y cultural de la escritura de autoría femenina contemporánea en Mozambique.

PALABRAS CLAVE: *literatura mozambiqueña; cuerpo femenino; Sónia Sultuane.*

Primeiras colocações

A poesia de autoria feminina em Moçambique vem seguindo travessias discrepantes em relação às opções temáticas que motivam a escrita literária no país considerado “uma janela aberta para o Índico”, como bem metaforizou o poeta moçambicano Eduardo White. Se pensarmos nos modelos precursores de escrita nesta independente colônia portuguesa, vamos ouvir na poesia de José Craveirinha e de Noémia de Sousa um canto insatisfeito com as tantas invasões políticas e ideológicas causadas pelas estratégias de dominação territorial do colonizador português, o que nos permite observar uma sociedade moçambicana subdividida entre a assimilação e a resistência cultural, com as devidas proporções patrióticas que nos são dadas como possibilidade de entendimento através do texto literário. Fugindo à proposta de uma poesia de combate, eis que encontramos a produção poética de uma escritora moçambicana mística chamada Sónia Sultuane.

Sónia Abdul Jabar Sultuane nasceu em Maputo no dia 4 de março de 1971, época em que Moçambique ainda era colônia de Portugal. Viveu em Nacala Velha, província de Nampula, até os oito anos. Possui ensino médio completo, porém não chegou a cursar o nível superior, sendo esta uma de suas futuras ambições. Hoje, trabalha em um escritório de advogados como secretária.

A poetisa possui quatro livros publicados: *Sonhos* (2001), publicado pela Associação de Escritores Moçambicanos (AEMO) e prefaciado pelo renomado poeta moçambicano Eduardo White; *Imaginar o Poetizado* (2006), publicado pela Editora Ndjira e prefaciado pela ensaísta Ana Mafalda Leite, que pontua no referido prefácio os aspectos da voz feminina da então poetisa; *No colo da lua* (2009), editado pela própria escritora, e *Roda das Encarnações* (2016), publicado pela Fundação Fernando Leite Couto e também publicado pela Editora Kapulana em 2017.

Sónia Sultuane também possui livros dedicados ao público infantil, são eles: *A lua de N’weti* (2014) e *Celeste, a boneca com olhos cor de esperança* (2017). O primeiro livro trata

da história de N'weti, uma menina moçambicana que vivia na aldeia de Mapulanguene, na província de Maputo. Para além de todos os gostos de uma menina da sua idade, ela gostava especialmente da lua. Mas viveu longos anos sem poder olhar para ela, quando mais ela gostaria de olhar: nas noites de lua cheia! Dizia-se que a lua era uma feiticeira, e que, quando olhada diretamente, em noites de lua-cheia, lançava feitiços malignos, quebrantos e maldições. N'weti viveu com essa tradição durante muitos anos e também durante muitos anos com uma tristeza profunda. Só anos mais tarde, já a viver noutra país, percebeu que as estórias que lhe contavam na sua aldeia tinham a ver com superstições, crendices e tradições menos explicadas. N'weti descobrira, finalmente, que de fato havia uma conexão entre a Lua e alguns desenvolvimentos naturais, como as marés, o crescimento das plantas, o tempo, o comportamento dos seres vivos... mas que isso fazia parte dos ciclos da natureza, assim como o seu tamanho e o seu brilho. Descobriu ainda que a lua estivera sempre com ela, desde o dia em que os seus pais a batizaram com o nome N'weti, que significa Lua em changana, língua moçambicana. O segundo livro traz a história de Celeste, uma boneca que pertence a uma oftalmologista que presenteia a um padre que vai visitar Moçambique. Chegando lá, este padre dá a boneca de presente a uma menina cega, a qual logo se apega à boneca de olhos verdes, os quais vão fazer a menina Joana enxergar o mundo de forma esperançosa e poética.

A poetisa ainda possui um projeto intitulado *Walking Words*, que envolve poesia e fotografia. Sónia Sultuane também costuma publicar poemas inéditos através do Facebook. Os três primeiros livros foram custeados pela própria poetisa e dados de presente a leitores escolhidos a dedo, como ela mesma diz.

Sónia Sultuane: do corpo e da escrita de autoria feminina em Moçambique

Escrever em Moçambique, uma nação em que ainda predominam as ideologias machistas e patriarcais, não é uma tarefa fácil para as mulheres. Como afirma Paulina Chiziane:

Nós, mulheres, somos oprimidas pela condição humana do nosso sexo, pelo meio social, pelas ideias fatalistas que regem as áreas mais conservadoras da sociedade. Dentro de mim, qualquer coisa me faz pensar que a nossa sorte seria diferente se Deus fosse mulher. (CHIZIANE, 2013, p. 1)

Acrescido ao pensamento de Paulina Chiziane sobre as discrepâncias sociais movidas pelo sexo, o que se configura como um retardamento biológico e social, ainda há a categoria racial que é imposta pela cor da pele. Mulheres mestiças, como é o caso de Sónia Sultuane, sofrem muito preconceito por não serem negras e submissas às ordens das etnias a que pertencem. Nesse sentido, a metaforização do corpo feminino por meio da poesia funciona como um dispositivo de gênero que territorializa a militância na escrita de autoria feminina contemporânea em Moçambique.

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros, principalmente, da divisão social do trabalho. (BORDIEU, 2002, p. 10)

Nesse sentido, podemos afirmar que, apesar de situada no campo minado moçambicano, Sónia Sultuane opta por uma produção em verso que, ao contrário do cânone moçambicano feminino, nos mostra uma seleção temática crítica frente à discussão sobre a situação política do país, fazendo surgir uma voz poética que, revestida de lirismo e feminismo, acusa o reconhecimento e o pertencimento a um povo:

Africana

dizes que me querias sentir africana,
dizes e pensas que não o sou,
só porque não uso capulana,
porque não falo changana,
porque não uso missiri nem missangas,
deixe-me rir...
mas quem é que te disse?!
Só porque ando de “Levis, Gucci ou Diesel”,
não sou... será?
Será que o meu sentir passa pela indumentária?
Ou que o serei
pelo sangue que me corre nas veias,
negro, árabe, indiano
essa mistura exótica,
que me faz filha de um continente em tantos
onde todos se misturam,
e que me trazem esta profundidade,
mais forte que a indumentária ou a fala,
e sabes porquê?
Por que visto, falo, respiro, sinto e cheiro a África,
afinal o que é que tu saberás? O que é que sabes?
Deixa-me rir...
Deixa-me rir...

(SULTUANE, 2006, p. 15)

Moçambique, país africano de independência tardia, possui a língua portuguesa como oficial. No poema acima, percebemos que o eu-poético, através da posição do verbo em segunda pessoa, mantém um diálogo com um possível leitor ou com sua própria consciência identitária. O título do poema é pontual, pois ficam sugeridas noções de espaço e de gênero. O uso de capulanas, missiri e missangas deixa claro que o eu poético se refere às mulheres do norte de Moçambique, mulheres que preservam totalmente a tradição indumentária da região. O dialeto changana também marca o lado norte moçambicano.

A utilização de marcas industrializadas mostra a condição social e econômica da voz que ora se enuncia no poema, no sentido de desenvolver uma crítica em mão dupla no que diz respeito à questão da moçambicanidade: ser moçambicana é algo visceral, de corpo e alma, é algo extrapola os estereótipos tradicionais. O riso marcado pelo verso “deixa-me rir” é um registro da ironia, pois soa como um desdém em relação às tentativas deste interlocutor imaginário em incutir uma pureza identitária que é impossível para um continente totalmente misturado.

Ser consciente da mistura se torna importante porque provoca os leitores da contemporaneidade a perceber como uma visão eurocêntrica da cultura pode impedir o conhecimento de outras culturas que são basilares para entendimento de nós mesmos. Os povos africanos estão em plena luta por uma emancipação política que permita a construção de uma nova noção de identidade. A literatura se torna um bom veículo para esta discussão, pois a literatura muitas vezes antecipa o que realidade insiste em negar (ROSÁRIO, 2010). Vejamos o poema abaixo:

Tocarmo-nos

Quando nos tocávamos,
nem precisávamos de falar,
simplesmente sentíamos-nos,
tínhamos a paz das palavras,
os gestos, os corpos falavam sozinhos,
nessa linguagem muda de sentidos,
nessa alquimia profunda,
hoje...!
precisamos dizer em palavras, em falas,
hoje precisamos de ontem,
para sentirmo-nos,
porque o nosso futuro,
é o passado,
porque o nosso sentir precisa de ser lembrado e falado,
para nos podermos novamente tocar.

(SULTUANE, 2006, p. 55)

No poema acima, o verbo tocar assume uma conotação muito relevante para a nossa discussão sobre reconhecimento do valor da literatura. Tocar no sentido de mexer, provocar, incutir, mobilizar. Tocar no sentido de legitimar sentimentos que endossam a relação entre pares independente de questões de raça, classe e gênero. Tocar no sentido de humanizar o humano. A literatura possui o poder de humanizar, não é à toa que Antonio Candido considera a literatura um direito básico do ser humano (1995). A literatura liberta os poetas de sistemas e estereótipos. A voz poética de Sonia Sultuane enfatiza a liberdade:

Liberdade

Quero ser a areia que cobre
apressada o corpo desnudo do universo

quero assobiar aos pássaros
a música despida dos ventos

baloioçar no luar despreocupado
fugir das mãos das árvores pregadas na terra
sopraro meu nome escrito na areia quente do deserto
voar abraçada nos dedos dos pássaros para bem longe
sem deixar marcas ou arrependimentos

(SULTUANE: 2009, p. 13)

O título do poema se torna sugestivo uma vez que remete a um sentimento comum a todos os povos que passaram por um processo de colonização. No entanto, o eu-poético não mostra um discurso político de combate a este processo, vai mais além, a partir do momento que utiliza a metáfora da areia para sugerir como a voz poética pode ser escorregadia e livre “Quero ser a areia que cobre/ apressada o corpo desnudo do universo”. A liberdade aqui é a poética e, na sutileza da voz feminina, percebemos uma proposta ideológica para a escrita moçambicana que ainda está presa ao duelo da tradição e da modernidade “quero assobiar aos pássaros/ a música despida dos ventos”. Observamos neste verso a sugestão de uma poesia livre, pura, que nasce da inspiração e não da conspiração de valores sociais que cristalizam uma nação.

No verso “baloioçar no luar despreocupado/fugir das mãos das árvores pregadas na terra”, através da iconografia das mãos da árvore, fica incutida a opção poética de Sultuane em relação à tradição, uma vez que a árvore está presa à terra e seus galhos submissos ao balanço do vento, ou às vozes ancestrais que por suas inconstâncias possam pousar e se fazer ouvir por meio dos mais velhos. A voz poética é livre e pode “voar abraçada nos dedos dos pássaros para bem longe/ sem deixar marcas ou arrependimentos”. Logo, podemos afirmar que Sonia Sultuane na

diplomacia subjetiva de sua linguagem, propõe uma poesia sem combate, amenizando assim o discurso anticolonial que ainda persiste na literatura moçambicana.

A escritora transgride em sua literatura justamente porque não agride, mostra Moçambique em seus versos a partir de um discurso feminista, humanizado pela necessidade de expor que uma identidade misturada não compromete o entendimento do território de origem de uma voz política que se constrói pela literatura. Sultuane nos provoca a entender que a literatura é um espaço para transformação e compreensão das diferenças:

Nasci poeta

Embriagaram-me os poetas invisíveis e imaginários
que me habitam quando durmo

levito na sala do pensamento amassado
as palavras dançam apressadas,
bebo e gosto dos versos adocicados,
nos meus lábios ainda guardo o gosto
do café amargo o último trago do cachimbo
do poeta desconhecido que me embalou,

na escuridão encontro a luz do arco-íris
para desenhar os poemas partilhados pelo cordão
umbilical.

(SULTUANE: 2009, p. 7)

Como se pode notar, “Nasci poeta” é mais um meta-poema que deixa pistas de seu projeto estético, uma vez que por meio da metalinguagem utiliza o poema para refletir sobre poesia. Na primeira estrofe, “Embriagaram-me os poetas invisíveis e imaginários/ que me habitam quando durmo”, o eu-poético nos declara que a sua voz é o eco de outras vozes, ou seja, a influência e a mistura, mesmo que na produção literária; é um fato do qual o ser poético nunca vai se libertar, a não ser pelo poder das palavras.

Na segunda estrofe, o verso “as palavras dançam amassadas” sugere uma imagem de digestão da poesia que vai se transformar no novo comando de voz selecionador de palavras para uma nova dança, palavras modificadas, portanto. Na última estrofe, o verso “na escuridão encontro a luz do arco-íris/ para desenhar os poemas partilhados pelo cordão/ umbilical”, o eu-poético deixa a sugestão de que as palavras se transformam ao bel prazer das vozes que as chamam; o cromatismo do arco-íris, neste sentido, só enfatiza a ideia de mistura, o que plurisignifica ainda mais seu projeto literário.

Sultuane, assim como as escritoras Lília Momplé e Paulina Chiziane, omite que discuta as relações de gênero em sua literatura:

Não acredito muito na questão do gênero. Tento que a minha arte seja universal. Qualquer sentimento num poema meu pode ser tanto de um homem como de uma mulher. Pode ser de uma mulher africana, europeia, asiática. Claro que há traços. Se eu escrevo “capulana”, automaticamente sabem que é de Moçambique. Há uma ou outra coisa que fazem parte da minha cultura, do meu gênero. (SULTUANE, 2013)

A omissão é uma mera estratégia. O gênero está marcado na produção literária de Sultuane, na autoria, no erotismo, nas sinestésias, nas metáforas, nas temáticas subjetivadas pela voz feminina, no discurso amoroso, nos relatos de experiência em verso, no discurso melancólico, na nostalgia, e em tantos outros recursos que ainda podem ser analisados na sua poesia.

A poesia de Sónia Sultuane compõe um cenário da contemporaneidade literária moçambicana, no qual os escritores e escritoras vivenciam contextos diferentes daqueles presenciados pelos escritores da geração da Literatura de Combate, como os poetas José Craveirinha e Noémia de Sousa, precursores e primeiros militantes através da literatura. Em seus poemas, podemos encontrar uma linguagem mais individualista, preocupada em exprimir o eu e seus anseios. A poesia de autoria feminina produzida em Moçambique nos últimos anos procura se afastar das discussões mais políticas e identitárias, embora ainda seja possível encontrarmos textos que versem sobre isso ainda que com os olhares contemporâneos.

No que tange à escrita de autoria feminina, vemos, ao longo da formação da literatura moçambicana, uma ampliação do número de escritoras produzindo e publicando no país e, quanto às temáticas, o universo feminino, a liberdade de fala e sexual e os questionamentos sociais impostos à mulher permeiam essa escrita moçambicana no feminino, como pode ser observado na obra de escritoras como Hirondina Joshua, Tania Tomé e Rinkel. Dentre os poemas de Sónia Sultuane, cabe destacar aqueles em que o eu lírico trata do corpo e prazer feminino:

Beijo Negro

Beija-me profundamente com o teu gosto,
dá-me o teu gosto,
faz-me renascer,
para que no meu despertar sinta a fresca melodia dos pássaros
e a brisa me traga esse incenso místico... terra...
que os rios e os mares quentes,
me lavem a consciência e me aqueçam a alma,
o meu dia seja uma caça felina... a minha presa... a vida...
o mergulhar no entardecer da esperança ardente,
e esses tambores ao anoitecer, me embalem em sons embriagantes,
o fogo dos corpos mais forte que as chamas das fogueiras,
os gestos dos corpos suados,
uma dança feiticeira de beijo negro,
a minha entrega inteira,
beija-me profundamente com esse gosto,
porque só tu me beijas assim.

(SULTUANE, 2006, p. 09)

Enquanto mulher negra e mulçumana, Sónia transgride muitos padrões e interdições que permeiam o seu meio social. Devido às repressões que os corpos femininos sofrem e, em se tratando do corpo feminino negro que ainda recebe um olhar hiperssexualizado, este corpo teve que ser negado e escondido por muitos anos. É só com alguns avanços na luta feminina por igualdade de gênero que as questões ligadas ao corpo e prazer feminino começam a ser (re) pensadas, como afirma Michelle Perrot:

O corpo em geral, o corpo da mulher em particular, por ser estratégico no jogo demográfico, passa a ser um centro de saberes mais apurados, de poderes mais articulados e, conseqüentemente, lugar de discurso superabundante, às vezes até verborrágico. (PERROT, 2003, p. 22)

No poema “Beijo Negro”, temos um eu feminino que deixa os seus desejos explícitos, que ama sem pudores: “Beija-me profundamente com o teu gosto,/ dá-me o teu gosto,/ faz-me renascer”. Aqui percebemos que o sujeito feminino não tem mais seu amor oprimido, pelo contrário, é um amor que a faz renascer, que a sensibiliza para as pequenas coisas da vida, da

natureza: “para que no meu despertar sinta a fresca melodia dos pássaros” e ainda “que os rios e os mares quentes, / me lavem a consciência e me aqueçam a alma.”

Ao lermos esses versos, percebemos que se trata de um poema escrito em África, embora não apresente discussões raciais ou sobre identidade, pois encontramos alguns elementos da cultura tradicional metaforizados no poema: “e esses tambores ao anoitecer, me embalem em sons embriagantes, / o fogo dos corpos mais forte que as chamas das fogueiras”. Sabemos que o tambor é um elemento que marca a musicalidade africana e as fogueiras representam a ancestralidade, a sabedoria que é transmitida pelos mais-velhos através das histórias contadas em volta da fogueira.

O adjetivo “negro” dado ao beijo também marca a raça de quem fala e para quem o eu-lírico fala. A voz do poema não fala de um simples beijo, ela marca esse beijo com um gênero e uma raça: negro. O poema também apresenta um campo semântico que enfatiza o calor provocado pela paixão e que nos remete ao ato sexual: “quentes”, “aqueçam”, “ardente”, “fogo”, “chamas”, “fogueiras” e “suados” são palavras que causam efeito na erotização da linguagem empregada no poema. Como afirma Renata Quintella Oliveira:

As escolhas lexicais em todo o poema remetem ao campo semântico do calor, realçando o desejo, que aqui se mostra físico, carnal, mas sem amarras nem pudores. Palavras como “incenso”, “mares quentes”, “corpos suados”, “esperança ardente”, “chamas”, “fogueiras” [SULTUANE, 2006, p. 9] intensificam a expressão desse desejo urgente e intenso. O ato de amar liga-se a um renascimento, à vida e, portanto, a Eros. (OLIVEIRA, 2014, p. 63)

No poema “Nogat” encontramos ainda elementos eróticos. O eu lírico que, ao comer um doce torrado de amendoim, relembra o sabor de seu amor da adolescência, também oferece ao leitor o deleite que só o amor pode proporcionar:

Nogat

Nesta noite quente suada de sabor a África,
Corri-te docemente, encontrei em ti o gosto do amendoim,
Adocicado em açúcar,
“Nogat”
O sabor de criança inocente à porta da escola,
Lembras-te?
Deixavas-me trincar o teu doce,
e a cada mordidela
sentia os teus lábios de mansinho,
como podia esquecer-me desse sabor,
a torrado, de cor de canela,
cor desses teus lábios adocicados,
onde hoje trinco e mordo,
à procura desse néctar,
com o mesmo gosto a “Nogat”
da nossa adolescência!

(SULTUANE, 2006, p. 13)

Sónia Sultuane usa alguns termos recorrentes em sua poesia para denotar a linguagem erótica dos poemas. Nos primeiros versos de “Nogat”, encontramos as palavras “quente” e “suada” que já destacamos em “Beijo Negro”. Isso reforça que a poetisa busca associar a linguagem do poema às sensações que o sexo proporciona em nosso corpo. O termo “África” aparece explícito, logo já situamos o espaço no qual se encontra o eu lírico, o calor do desejo é remetido ao calor característico do continente, bem como ao sabor doce torrado de amendoim.

A linguagem poética empregada foi construída de modo que, para que o leitor chegue ao fim do poema, seja necessário que ele vá mordiscando as palavras, verso a verso. Aqui o paladar é quem determina as sensações de prazer.

As palavras que evidenciam a cor do doce também marcam a cor do amor do eu lírico: “torrado” e “cor de canela” nos levam a um sujeito negro e, assim como em “Beijo Negro”, evidenciam a raça negra, atribuindo a ela termos que a associam à doçura e à felicidade.

A relação que a poetisa estabelece entre linguagem e sentidos é uma marca em seus poemas, a fim de despertar o prazer à medida que lemos, como lembra Roland Barthes: “Se leio com prazer essa frase, essa história ou essa palavra, é porque foram escritas no prazer” (BARTHES,

2008, p. 9). E, em se tratando do erótico, os termos que aguçam os sentidos do tato, do paladar exprimem o prazer provocado pelos prazeres das relações de amor e sexuais.

O amor e o desejo se personificam no ato e na dança dos corpos, nos movimentos silenciados de palavras. O grito do prazer é que ecoa, quebrando o silêncio da solidão e da distância que os conflitos dos relacionamentos podem ocasionar. Os corpos, que antes precisavam apenas estarem em sintonia através do sentir, no hoje, precisam fazer uso da memória, da palavra, para que as sensações prazerosas do amor possam uma vez mais acontecer.

A memória, por sua vez, se faz presente em outros poemas que, por meio de uma linguagem rememorativa, busca recordar os momentos de amor passados:

Recordar-te

Quando um dia já te recordo e já não te sinto,
quando recorde só os teus olhos, e não o teu olhar,
a tua sombra, não o teu corpo,
os teus beijos, não o teu gosto,
os teus ecos, não as tuas palavras,
quando todos os sentidos estiverem mortos,
e todas as sensações apagadas,
então passarão a deformações,
e quando tu já não fizeres parte da minha recordação,
então sim,
também passarás a ser uma deformação.

(SULTUANE, 2006, p. 31)

Nos versos de “Recordar-te”, o eu feminino sofre com a inquietação da perda do amor e com a constatação de que a lembrança se tornou o único lugar em que os momentos de amor passarão a existir. E para o eu lírico, a perda do amor acarreta a perda da cumplicidade, das trocas afetivas e de sensações que os corpos ávidos de paixão emanam. Assim, como também observamos em “Roubados”:

Roubados

Pior que ficar sem o amor
é sentir que nos roubaram,
todos os sentidos, os sonhos,
a ilusão do talvez...
e sentir que nos roubaram a incerteza,
da certeza que perdemos algo,
sem sabermos o quê ou o porquê!.

(SULTUANE, 2006, p. 37)

O amor se manifesta na troca de olhares, nos sabores do corpo do outro, nos seus cheiros; sem esse amor, conseqüentemente, o eu lírico perde estas sensações produzidas em sentimento.

Feminismo e erotização são características que conduzem a poesia de Sónia Sultuane, e por recorrer a tais temáticas, a poeta foi e ainda é muitas vezes considerada uma escritora menor, como ela mesma afirma na entrevista já citada anteriormente. Isto se deve ao fato de vivermos em um mundo em que predomina e são valorizados tudo aquilo que parte da criação masculina e, em se tratando de literatura, os textos de autoria feminina ainda permanecem à margem, sendo desvalorizados por uma fortuna crítica formada, predominantemente, por homens.

No entanto, a escrita de Sónia Sultuane já se destaca dentre a literatura moçambicana contemporânea e, apesar de críticas negativas, os elogios a sua obra se sobressaem, e têm possibilitado o surgimento de pesquisas tanto em Moçambique, quanto no Brasil e em Portugal. Parte das buscas por sua obra se dá, justamente, pelo fato de ela dedicar sua poesia a expressar o feminino e tudo aquilo que o cerca. Sobre sua poesia, afirma Ana Mafalda Leite, no prefácio do livro *Imaginar o poetizado*:

Feminina, por excelência, esta forma de implicação da escrita como corpo, erotiza letra/som, que se inscreve entre pele e pena e entre voz e verbo; há um arrebatamento e uma fisicidade da palavra que a torna concreta, sensível, palavra poética nascida dos sentidos, que renasce em amorosa vulnerabilidade, exibindo um corpo, que fala, diz, contradiz, esplende, vibra, linguagens não codificadas, na sua surpresa de acontecimentos, de dádiva e de entrega.
(LEITE, 2006, p. 06)

Em “Lembrança”, temos todo o lirismo e amor às palavras que dão o tom poético dos versos de Sónia Sultuane:

Lembrança

Ao acordar respiro ainda o teu cheiro impregnado em mim,
o teu corpo desnudo ainda sinto em mim!
mas é só a lembrança.
Sinto a tua falta, se sinto!
Condição ingrata, amarga esta!
Que a vida nos impõe...
e se amar não é isso tudo,
então, o que será? Somente lembrança?

(SULTUANE, 2006, p. 47)

A mistura de sensações ausentes marca cada verso do poema. O sentir é fundamental, sentir o que ficou marcado na lembrança e o sentir-lamentar pela ausência dos sentidos que o outro deixou. O eu feminino coloca em palavras todos os seus sentimentos mais íntimos à medida em que nos transmite também suas fragilidades, suas dores frente às perdas que a vida lhe proporciona.

Esse transmitir de emoções, traduzido em uma forma de aliviar as amarras, sejam elas quais forem, também parte dessa escrita no feminino que busca a liberdade de ser, de escrever, de sentir, sem se preocupar com tabus e preconceitos impostos. Nos versos de “Libertação”, vemos essa urgência do eu feminino de se desprender e transgredir os limites que lhe foram determinados:

Libertação

O meu corpo que pede,
a alma sufocada,
suplica esta libertação de emoções,
preciso de libertar,
como preciso de beber,
esta sede carnal mata-me aos pedaços,
ficando somente a vontade,
mas é a libertação destas emoções
... o corpo pede...

(SULTUANE, 2006, p. 61)

Pedir e suplicar são verbos que revelam o clamor feito pelo eu feminino para se livrar de tudo aquilo que a sufoca, a prende. É preciso estar liberta para se viver em plenitude, matar as sedes do corpo e da alma. Nos poemas “Negro” e “Escuridão”, observamos que o uso das palavras que intitulam os poemas é usado para se referir aos tons dos desejos eróticos, aos mistérios dos prazeres noturnos e ainda à cor negra com o intuito de valorizá-la:

Negro

Como o sangue que me alimenta, este desespero negro,
negro como o meu pensamento,
que me leva a desejos levianos,
à vontade carnal,
onde corre o negro dos delírios, das sufocações,
dos gritos profundos,
e esta carne que me palpita, ferve,
que me queima do ventre
e este corpo que já não me deixa ser meu,
queima... queima... profundamente queima.

(SULTUANE, 2006, p. 23)

O termo “negro”, sendo empregado no gênero masculino, denota que o eu lírico tem a intenção de marcar o possível sujeito para quem o poema se refere. O “negro” se apresenta como força vital que sustenta, alimenta, provoca no eu feminino as vontades sexuais. Quando falamos que o “negro” no poema busca ressignificar os estereótipos que estão ligados à raça, queremos dizer que, ao longo de todo o processo de dominação europeia, uma das facetas pela qual o sujeito negro africano sofreu inferiorização foi no que se refere a sua sexualidade, como afirma Fanon:

Para a maioria dos brancos, o negro representa o instinto sexual (não educado). O preto encarna a potência genital acima da moral e das interdições. As brancas, por uma verdadeira indução, sempre percebem o preto na porta impalpável do reino dos sabás, das bacanais, das sensações sexuais alucinantes... Mostramos que a realidade desmente todas essas crenças. Mas tudo isso se acha no plano do imaginário, ou, na pior das hipóteses, no do paralogismo (FANON, 2008, p. 152).

Os corpos negros, portanto, foram (e ainda são) objetificados, reduzidos apenas à função sexual. Devido a isso, é de suma importância essa escrita de autoria feminina que olha para essa sexualidade negra de uma outra forma, buscando mostrar o verdadeiro lado, que independe de raça. Ao abordar essa temática, Sónia Sultuane também coloca a sua escrita como ferramenta

de combate, assim como fizeram as gerações anteriores da literatura moçambicana, e mostra que ainda persistem alguns preconceitos que afugentam os sujeitos negros, sendo preciso que eles sejam postos ao fim.

É o corpo que queima, que deseja atos carnavais, que necessita das sensações que o prazer possibilita, assim como também necessita dos toques e dos gostos do outro, são esses sentidos despertados que levam os corpos a buscar o prazer. Prazer esse que também pode ser encontrado no toque em:

Escuridão

O respirar acelerado na escuridão,
vontade carnal... vontade...
gestos amedrontados,
olho-me, sinto-me profundamente,
vontade, desejo,
toco-me, entrego-me a mim...
entrego-me a esta escuridão,
mete medo... neste medo...
mas esconde a solidão e a escuridão,
que me vem de dentro.

(SULTUANE, 2006, p. 59)

Nos versos de “Escuridão”, percebemos que o eu-poético está em um ato de masturbação. É ainda a primeira vez que notamos apreensão da voz poética em relação à sua sexualidade, isto decorre dos tabus que ainda persistem nas sociedades sobre os prazeres femininos e a masturbação feminina, em especial.

O corpo tem a necessidade de se estimular sexualmente, os desejos a rondam, assim como o medo, apesar de estar sozinha, tendo como única confidente a noite escura que traz os mistérios, a solidão e os desejos transgressores. Aliás, o ato de masturbação se torna um meio de prazer consigo mesma e também um refúgio para a solidão e multidão incompreensiva do lado de fora. Só rompendo com os nossos medos mais íntimos e nos empoderando enquanto sujeitos ativos, nos variados setores sociais, é que poderemos ir conquistando ainda mais espaços e a liberdade na sua totalidade. A escrita de autoria feminina na contemporaneidade tem sido arma para novas lutas que procuram trazer igualdade e emancipação do sujeito feminino, pois a cada dia surgem novas mudanças e com elas a urgência de se (re)pensar aquilo que foi e o que ainda não é. Observemos o poema:

Esta Noite

Esta noite dormi perdida, entrega nos teus braços,
saciada e exausta,
deter-me de ventre para baixo,
nua, deitada por cima de ti,
embriagada pelo teu cheiro, o calor do teu corpo,
as tuas entranhas, o teu abdómen,
as tuas mãos, nas minhas costas,
o teu abraço guardando-me profundamente,
para que não fugisse,
para que não quebrasse o nosso laço de cumplicidade,
adormecido estavas entregue a mim,
longe de tudo e todos,
queria chamar-te para que me possuísse novamente,
mas o teu sono era tão profundo,
em paz, que fiquei ali,
somente a contemplar-te como podias ser meu,
sem estares ali, mas mesmo assim,
fazendo parte deste meu sonho desperto.

(SULTUANE, 2006, p. 11)

Neste poema, percebemos a presença do erotismo feminino. Por erótico, cabe dizer que este “pode ser usado tanto na luta pessoal como política. Uma inabilidade de expressar facilmente vários aspectos de nossa sexualidade, através das palavras e imagens correntes, ilustra as possibilidades epistemológicas do erótico.” (O’NEILL, 1997, p. 81).

Por meio das palavras, Sónia Sultuane nos descreve um momento íntimo entre uma mulher, o eu-poético, e o seu homem. Ela nos apresenta uma mulher satisfeita com a sua relação amorosa, uma mulher “saciada” e “exausta” de prazer. O feminino ocupa uma posição de liberdade diante de seu relacionamento afetivo e demonstra-se seguro perante o homem, gozando até de uma certa superioridade a ele: “deitei-me de ventre para baixo, nua,/ deitada por cima de ti”; o “deitada por cima de ti” nos revela confiança e segurança da mulher face ao homem, ou seja, ela é quem domina aquele momento.

Nos versos “o teu abraço guardando-me profundamente,/ para que não fugisse,/ para que não quebrasse o nosso laço de cumplicidade,/ adormecido estavas entregue a mim”, observamos que, diferente da relação homem-mulher na qual a mulher sempre é submissa ao homem e

procura constantemente satisfazê-lo para não perdê-lo, o eu-feminino aqui nos mostra o inverso, o homem é quem aguarda para que ela não fuja, não o deixe, para que a mulher seja fiel aos votos de amor e fidelidade.

Outro momento do poema que nos assegura da confiança e da felicidade da mulher em estar em uma relação na qual se sente livre e respeitada é: “mas o teu sono era tão profundo, / em paz, que fiquei ali,/ somente a contemplar-te como podias ser meu”. O “meu” reforça a ideia de posse, de pertença do sujeito masculino ao feminino, que é apresentado como frágil e inseguro, ou seja, aparece com características antes atribuídas somente às mulheres. Também vemos uma afirmação que seria impossível nas relações poligâmicas, nas quais a mulher tem que dividir seus maridos com tantas outras mulheres.

Últimas Considerações

Não vamos encontrar na poesia de Sultuane um discurso de combate, de reivindicação identitária, um debate sobre poligamia, um delimitação geográfica definida, um posicionamento religioso cristalizado, mas sim uma defesa da liberdade estética e ideológica que estrategicamente se utiliza de uma amenidade em relação à condição política de Moçambique, a fim de tornar a literatura um espaço para discutir sobre a humanidade, fazendo assim com que os povos da nação moçambicana ou de qualquer outra aprendam a tolerar a naturalidade das diferenças de raça, classe e gênero. Desse modo, Sónia Sultuane vem se consolidando como um expoente na Literatura produzida em Moçambique. Seus versos louvam o amor, o prazer, o sexo e a feminilidade de formas doces e ao mesmo tempo vorazes, a essência feminina carregada de tudo aquilo que a torna mulher e a diferencia do mundo masculino. Porque há dizeres que só o imaginário territorializado no feminino é capaz de mimetizar.

REFERÊNCIAS:

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução de Jacob Guinsburg. Editora Perspectiva, São Paulo, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução Maria Helena Kuhner. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In:---. **Vários escritos**. 3ed revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CHIZIANE, Paulina. **Eu, mulher... Por uma nova visão do mundo**. Revista do Núcleo de

Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, volume 5, nº 10, 2013.

FANON, Frantz. **Pele negra. Máscaras brancas.** Trad. de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

OLIVEIRA, Renata Quintella. O lugar de Sónia Sultuane na poesia contemporânea de Moçambique. Imaginar o Poetizado: uma escrita no feminino. **Revista Arredia**, Dourados, MS, Editora UFGD, v.3, n.4: 51-68 jan./jul. 2014.

PERROT, Michelle. **Os silêncios do corpo da mulher.** In: O corpo feminino em debate. Matos, Izilda S de & Shoiht, Rachel. Editora UNESP, São Paulo, 2003, p. 13-27.

ROSÁRIO, Lourenço do. **Moçambique: história, culturas, sociedade e literatura.** Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

SULTUANE, Sónia. **Sonhos.** Maputo: AEMO, 2001.

_____. **Imaginar o poetizado.** Maputo: Ndjira, 2006.

_____. **No colo da lua.** Maputo: s/e, 2009.

_____. **A Lua de N´wetí.** Santo Tirso: Editorial Novembro, 2014.

_____. **Roda das Encarnações.** São Paulo: Kapulana, 2017.

_____. **Celeste, a boneca com olhos cor de esperança.** Santo Tirso: Editorial Novembro, 2017.

_____. Entrevista a Cristiana Pereira em 27 de março de 2011. Disponível em < <http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/a-viagem-das-palavras-entrevista-a-sonia-sultuane-artista-mocambicana> > ; Acesso em Maio de 2013